

O CONCEITO DE INTELIGÊNCIA NA OBRA DE HELENA ANTIPOFF

Victor Cesar Amorim Costa¹, Sérgio Domingues²

Resumo: *A inteligência tem sido um campo de estudo muito marginalizado. Um fator que contribui para isso é a extrema incongruência teórica. Outro fator é a utilização irresponsável dos testes de inteligência, bem como dos seus resultados. Dos vários pesquisadores que trabalharam com o campo da inteligência humana, este trabalho objetivou, por meio de uma análise de conteúdo, revisar as contribuições teóricas de Helena Antipoff. Em meio à problemática da relação entre inteligência, resultados dos testes de inteligência e rendimento escolar é que Antipoff defende a existência de uma inteligência civilizada. Esse conceito vem ocupar um lugar de destaque na teorização do que é de fato a inteligência. Finalmente, há de se considerar que o conceito de inteligência civilizada proposto por Antipoff vai além de qualquer simples disposição inata de um indivíduo, fazendo-se a refletir a importância do desenvolvimento do indivíduo e o meio sociocultural em que esse desenvolvimento se dá.*

Palavras-chave: *avaliação psicológica, inteligência, psicologia educacional.*

Introdução

A inteligência tem sido um campo de estudo muito marginalizado. Sternberg (1999) afirma que o campo da inteligência humana tem sido um dos enteados feios da psicologia científica. Um fator que contribui para isso é a extrema incongruência teórica. Essa incongruência começa pelos métodos de estudo da inteligência, pois vários teóricos formulam seus conceitos com base em resultados que obtiveram por meio de métodos de pesquisa dos mais diversos possíveis, desde os estritamente empíricos até aqueles puramente racionalistas. Logo, muitos dos resultados, bem como os conceitos formulados a partir desses, são extremamente antagônicos e pouquíssimos são os

¹Graduando do Curso de Psicologia – UNIVIÇOSA, Viçosa, MG, e-mail: victorcacosta@hotmail.com

²Professor do Curso de Psicologia – UNIVIÇOSA, Viçosa, MG, e-mail: sdufmg@yahoo.com.br

estudiosos que se arriscam a elaborar uma possível síntese. Outro fator que contribui para a marginalização desse campo é a utilização irresponsável dos testes de inteligência, bem como dos seus resultados. Coll e Onrubia (2004) afirmaram que o recurso à “inteligência” ou “capacidade intelectual” que supostamente tem um aluno é, sem dúvida, um dos argumentos que mais são utilizados para explicar ou justificar seu rendimento escolar. Ocorre que a relação entre inteligência, aprendizagem e rendimento escolar não é tão clara e está muito longe de ser resolvida.

Este trabalho traz resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, que tem como objetivo revisar as contribuições teóricas de Helena Antipoff (1892-1974) para o campo da inteligência humana. Para isso, foi realizada uma análise de conteúdo das obras completas de Helena Antipoff.

Nascida na Rússia e radicada no Brasil, Antipoff dedicou sua vida à educação (CAMPOS, 2010). Em meio à problemática da relação entre inteligência, resultados dos testes de inteligência e rendimento escolar foi que Antipoff se debruçou, defendendo a existência de uma inteligência civilizada. Esse conceito ocupou um lugar de destaque na teorização do que é de fato a inteligência, pois apresenta a sua dimensão sociocultural.

Revisão de Literatura

A trajetória de Antipoff como pesquisadora foi marcada com parceria com ilustres teóricos sobre a inteligência e das maneiras como medi-la. A partir daí, a pesquisadora conheceu os testes de inteligência que logo despertaram nela alguns questionamentos (DOMINGUES, 2011). Esses questionamentos permeavam a relação em o que é de fato a inteligência e sua correlação com os resultados dos testes de inteligência.

Estudando crianças abandonadas das ruas de São Petersburgo, Rússia, após aplicar o teste de inteligência Binet-Simon, a pesquisadora obteve o seguinte resultado:

“...aquelas crianças não davam, nos nossos testes, senão resultados inferiores, revelando uma mentalidade inteiramente infantil, resolvendo raramente as provas de 10 e 12 anos” (ANTIPOFF, 1931/1991, p.78).

Antipoff questiona esses resultados, argumentado:

“Essas crianças não causavam a impressão de crianças retardadas; ao contrário, extremamente espertas, revelaram prodígios de engenhosidade para lutar contra as dificuldades que a vida lhes deparava, e para assegurar a própria conservação. Quantas vezes, no próprio estabelecimento de onde as crianças fugiam freqüentemente [sic], preferindo antes de tudo a liberdade e a vida de aventuras, a que se afeiçoavam, nos surpreendemos com os planos estratégicos complicadíssimos, inteligentíssimos, diremos nós, cheios de previsão, que só o pensamento sabe ditar, para escaparem à vigilância dos guardas, para distribuírem as funções de um bando inteiro de garotos, no intuito e assaltarem de noite um guarda-roupa, uma adega, para daí pilharem à vontade e fugirem com a presa, descendo do terceiro andar para a cidade” (ANTIPOFF, 1991, p.78).

Em meio a essa dissonância entre os resultados de testes de inteligência e o conceito de inteligência foi que Antipoff problematizou a incongruência desse campo:

“É de propósito que temos falado até aqui da medida do desenvolvimento mental. Ora, esses testes, as mais das vezes, são chamados testes de inteligência. A palavra inteligência é compreendida em sentidos diferentes” (ANTIPOFF, 1991, p.76).

Em outro momento, Antipoff observou que os resultados dos testes de inteligência variavam entre crianças abandonadas e crianças de classes socioeconômicas mais favorecidas. A partir daí, Antipoff problematizou o que é a inteligência e se de fato os testes a medem, defendendo a existência de uma inteligência civilizada:

“Este termo “inteligência civilizada” nos foi sugerido pelas observações a respeito da inteligência das crianças

abandoadas que tivemos que tivemos ensejo de estudar entre 1920 e 1924, na Rússia. Ao passo que as crianças dos meios familiares e que freqüentavam a escola davam, nos testes de Binet- Simon, na mesma época, resultados mais ou menos correspondentes aos das crianças parisienses nas mesmas idades, essas crianças abandonadas davam apenas, em média, uma idade mental de 2 a 3 anos de atraso sobre a sua idade real” (ANTIPOFF, 1991, p.77).

O conceito de inteligência civilizada foi elaborado diante de uma perspectiva sociocultural, em que Antipoff argumentou que os testes não mediam uma inteligência natural e sim essa outra, uma inteligência que era produto do meio social e cultural. Antipoff defendeu a existência da inteligência civilizada argumentando:

“Será natural essa inteligência? Dependerá exclusivamente das disposições ingênicas e da idade da criança? Não o cremos. Ela é um produto mais complexo, que se forma em função dos diversos agentes, entre os quais distinguimos, ao lado das disposições intelectuais inatas e do crescimento biológico, também o conjunto de caráter e o meio social, com suas condições de vida e sua cultura, à qual a criança se sujeita tanto em casa quanto na escola. Melhor diremos que a inteligência revelada por meio desses testes é menos uma inteligência natural (como o quis Binet) que uma inteligência civilizada, mostrando, assim, que os testes dirigem a natureza mental do indivíduo polida pela ação da sociedade em que vive desenvolvendo-se e em função da experiência, que adquire com o tempo” (ANTIPOFF, 1991, p.77).

A inteligência civilizada teria então laços fortes de relação com o desenvolvimento do caráter, as condições socioeconômicas, o meio social e cultural onde o indivíduo se insere, além das ditas disposições intelectuais inatas. Esse conceito e toda a argumentação feita por Antipoff foram uma das poucas teorizações existentes que trabalham o aspecto sociocultural da inteligência humana. Por meio desse conceito, pode-se perceber que a

relação entre a inteligência propriamente dita e os testes de inteligência e seus resultados não é tão simples e envolve variáveis que os testes não controlam.

Considerações Finais

Há de se considerar que esse conceito proposto por Antipoff vai além de qualquer simples disposição inata de um indivíduo, fazendo-se refletir a importância do desenvolvimento do indivíduo e o meio sociocultural em que esse desenvolvimento se dá. Todo o questionamento levantado nesta pesquisa traz à tona uma discussão importante sobre os testes de inteligência, os resultados e os seus possíveis usos na educação e no meio organizacional.

Referências Bibliográficas

ANTIPOFF, H. O desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte. In: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Psicologia Experimental. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991. v. 1, p. 76-129. (Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff).

CAMPOS, R. H. F. Helena Antipoff. Recife: Editora Massangana, 2010.

COLL, C.; ONRUBIA, J. Inteligência, inteligências e capacidade de aprendizagem. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. Desenvolvimento psicológico e educação. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 2, p. 131-144.

DOMINGUES, S. O conceito de excepcional na obra de Helena Antipoff. 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

STERNBERG, R. J. Successful intelligence: finding a balance. Trends in Cognitive Sciences. v. 3, n. 11, p. 436-442, nov. 1999.

